

O perfil de produtores de leite patronais e familiares do Distrito Federal

The profile of employer and family producers milk of Federal District

Marlon Vinícius Brisola
Universidade de Brasília

Magali Costa Guimarães
Universidade de Brasília

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar o perfil dos produtores de leite familiar e patronal do Distrito Federal (DF/Brasil). O estudo trata-se de recorte de uma investigação mais ampla realizada entre 2009-2011 numa parceria entre o SEBRAE/DF (Serviço de Apoio às Pequenas e Médias Empresas), a EMATER/DF (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e o GECOMP/UnB (Grupo de Estudos sobre a Competitividade e a Sustentabilidade do Agronegócio). Buscou-se destacar diferenças/semelhanças entre os produtores do DF, comparando os resultados obtidos com aqueles de pesquisas realizadas com produtores de outras regiões. Algumas diferenças se destacaram no perfil dos produtores familiares e patronais do DF, como o tempo de estudo formal, que é significativamente superior entre os produtores patronais na região, bem como a intenção relativa à ampliação da atividade. As informações colhidas demonstram similaridades entre os perfis dos produtores de leite e de sua atividade com aqueles de outras regiões do Brasil.

Palavras-chave: Desenvolvimento rural, produtor de leite, produtor familiar, produtor patronal.

Abstract: This article presents the profile of family farmers and milk employer the Federal District (FD/Brazil). The study refers to the clipping of a more extensive investigation conducted between 2009-2011 in a partnership between SEBRAE/DF (Support Service for Small and Medium Enterprises), EMATER/DF (Enterprise Technical Assistance and Rural Extension) and GECOMP/UNB (Study Group on the Competitiveness and Sustainability of Agribusiness). In this survey, was sought to highlight differences/similarities between the producers of the FD, comparing the results with those from surveys conducted with farmers from other regions. Some differences are highlighted in the profile of family and employers producers of DF, for example, the time of formal study, which is significantly higher among employers producers in the region, as well as intent on extending the activity. The information demonstrates similarities between the profiles of dairy farmers and their activities with those of other regions of Brazil.

Key Words: Rural development, milk producer, family farmers, employer producers.

JEL: J24

Introdução

O objetivo geral desse estudo é apresentar o perfil dos produtores de leite do Distrito Federal/DF, destacando as diferenças/semelhanças entre produtores familiares e patronais. Trata-se de um recorte de uma investigação mais ampla realizada no período entre 2009 e 2011 numa parceria entre o SEBRAE/DF (Serviço de Apoio às Pequenas e Médias Empresas), a EMATER/DF (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e o GECOMP/UnB (Grupo de Estudos sobre a Competitividade e a Sustentabilidade do Agronegócio). Para isso foram levantados dados sociodemográficos sobre os produtores rurais e suas propriedades.

As informações aqui geradas são importantes, não somente para as referidas organizações, mas essenciais para a formulação de políticas públicas voltadas para o setor no Brasil. Apesar dessa relevância, não foram encontrados estudos semelhantes no referido contexto (Distrito Federal), apenas uma caracterização de agricultores familiares de um Núcleo Rural localizado no DF. Trata-se de um estudo realizado por

Souza et al. (2009), mas que não envolveu aqueles produtores dedicados à atividade leiteira.

Em consulta a diferentes bases de dados (SciELO - *Scientific Electronic Library Online*, AGROBASE - Base Bibliográfica da Agricultura Brasileira, SIDALC - Servicio de Información y Documentación Agropecuario de las Américas, ALICE - Repositório Acesso Livre à Informação Científica da Embrapa) e periódicos científicos de importância na área (Informe GEPEC, Organizações Rurais e Agroindustriais, Revista de Economia e Sociologia Rural) foram identificados alguns estudos semelhantes, mas realizados em outras regiões do país. Uma síntese de alguns desses estudos é feita em uma seção específica deste trabalho. Foram descritos somente os estudos que envolviam especificamente produtores de leite. Essa síntese possibilitou uma comparação entre o perfil dos produtores do DF com o das demais regiões brasileiras.

Outros estudos preocupados com a caracterização do perfil de produtores rurais, mas não envolvendo necessariamente (ou exclusivamente) a produção leiteira, também foram identificados no levantamento bibliográfico (ANJOS et al., 2010; AZEVEDO et al., 2011; BRISOLA; LEITÃO; TOMAZ, 2008; LOPES, 2002, 2003; MENDES, 1998; SOUZA et al., 2009; SOUZA NETO et al., 2010). Para ser representativa de um setor, uma pesquisa com este objetivo demanda uma amostra significativa, o que torna esse tipo de investigação difícil de ser realizada. Muitas vezes, a caracterização/perfil é realizada com base em somente alguns produtores de uma determinada microrregião e de forma que não seja possível a generalização dos dados para toda uma população, o que não é o caso do presente estudo.

A preocupação com esse tipo de investigação não se restringe ao Brasil, mas estudiosos de outros países da América Latina (ALFONSO, 2006; ARIZA, 2009; BECERRA et al., 2011) também demonstram-se preocupados com os avanços do capitalismo no campo e consideram que estudos desta natureza são importantes para embasar políticas públicas que favoreçam de forma equitativa o desenvolvimento rural.

Para o alcance do objetivo proposto o trabalho foi estruturado da seguinte forma: a) inicialmente é feita uma breve descrição da produção de leite no Brasil e, em especial no DF; b) em segundo, os conceitos “produtor familiar” e “patronal” são discutidos; c) em terceiro, realiza-se uma revisão de estudos voltados para a caracterização do perfil do produtor de leite no Brasil; d) posteriormente são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na condução da pesquisa de campo; e) por fim, os achados são apresentados e discutidos à luz do referencial teórico e do levantamento bibliográfico realizado.

2. A produção de leite no Brasil e no Distrito Federal

Segundo dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA (2012), o Brasil ocupou em 2011 a quinta posição entre os países produtores de leite, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, Índia, China e Rússia, com 31,667 milhões de toneladas anuais, e com 5,3% da produção mundial. Entre os países das Américas, o Brasil ocupa a segunda posição, estando atrás apenas dos Estados Unidos.

É imperioso destacar o crescimento da produção nacional de leite no período de 2000 a 2011. Segundo a mesma fonte, em onze anos o avanço da produção brasileira de leite bovino (para 31,667 milhões de toneladas) representou um

crescimento de 60,2%. Nesse mesmo período, o maior produtor mundial, os Estados Unidos, avançou 11,4 milhões, ou seja, um crescimento de apenas 15,0%. Apesar da posição em termos de nível de produção, a produtividade brasileira não apresentou o mesmo desempenho para o ano de 2010, que foi o equivalente a 1.340 kg/vaca/ano. Esse resultado reflete o baixo nível de especialização do rebanho leiteiro nacional, bem como a forte presença de raças zebuínas na composição genética dos rebanhos nacionais, além da ineficiência ou impropriedade dos programas zootécnicos nas propriedades leiteiras no Brasil (EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA, 2012).

De país importador, o Brasil passou a exportar seu excedente de produção – ao lado da Austrália, Nova Zelândia e países da União Europeia. Em 2007 o Brasil exportou o equivalente a 940 milhões de litros de leite, em derivados lácteos (principalmente leite condensado e leite em pó). A Venezuela é o maior importador, com 58% do volume exportado. Apesar de ser recomendado o consumo de leite por habitante/ano na ordem de 250 litros, o consumo nacional é de 142 litros indicando que, apesar do crescimento anunciado, há um déficit na produção. (CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA, 2009).

Entre as Unidades da Federação, os maiores produtores de leite são, nessa ordem, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, Santa Catarina e São Paulo. Ressalta-se que apenas os Estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, Santa Catarina e Rondônia seriam autossuficientes na produção de leite e que as Unidades da Federação com a maior produção coincidem com as de maior produtividade, acrescentando ainda Pernambuco, Mato Grosso, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Sergipe, Alagoas e Distrito Federal, com produtividade superior a 1000 litros/vaca/ano. Contudo, observa-se que entre estes, aqueles com maior população e/ou menor extensão territorial rural apresentam menor autossuficiência na produção de leite: Rio de Janeiro, São Paulo e Distrito Federal (com menos de 45 litros de leite disponível por habitante/ano). Essa situação faz com que muitas Unidades da Federação, mesmo com elevada produção ou produtividade, necessitam importar leite de outras regiões do país (EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA, 2012).

A pecuária leiteira do Distrito Federal apresenta-se com um perfil de qualidade zootécnica superior em relação à das demais Unidades da Federação do Centro-norte do país. A produtividade média de 1.800 litros de leite/vaca/lactação do Distrito Federal somente é superada pelas médias dos Estados de Santa Catarina (2.321), Rio Grande do Sul (2.222) e Paraná (1.998). Entretanto, quando comparada à média de produção do Distrito Federal com a de outras regiões do País tipicamente leiteiras, os Estados de Minas Gerais (Campos das Vertentes, Oeste e Centro de Minas) e de São Paulo (Campinas), os índices de produtividade do Distrito Federal ficam bem abaixo (EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA, 2008). O entendimento do perfil dos produtores e a comparação com o perfil dos produtores dessas regiões poderão contribuir para a formulação de políticas públicas que favoreçam a produção de leite no DF, já que sua produção é insuficiente para atender a demanda local.

O Distrito Federal (Região Centro-Oeste do Brasil) possui 5.789,16 km² e representa uma região vastamente povoada, com uma densidade demográfica de 354,3 habitantes por km². A área rural é de 397.000 ha, o que representa cerca de 69% da área total. Por tratar-se de uma região cosmopolita, com o maior PIB per capita do país (R\$ 50.438,00 em 2009), quase o triplo da média nacional (R\$ 16.918,00), o consumo de leite e derivados é elevado e crescente, já que a população também apresenta uma taxa de crescimento de 2,8% ao ano. (AMORIM, 2011;

DISTRITO FEDERAL, 2009; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2005).

A produção de leite bovino no DF é estimada em 36 milhões de litros anuais, embora o consumo diário ultrapasse os 162 milhões de litros. Essa situação sugere um déficit aproximado de 78% do leite consumido em relação ao produzido no DF (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012). Destes 36 milhões de litros, aproximadamente 20 milhões são adquiridos pelo Programa Pró-família do Governo do DF, que garante a aquisição e distribuição para famílias carentes (DISTRITO FEDERAL, 2008).

Essas informações apontam para a necessidade de uma atenção institucional, uma vez que boa parte do consumo desse produto na região advém de outras Unidades da Federação. Isso se dá em função da população estar concentrada, em sua maior parte, nas áreas urbanas e por ter, conforme destacado, uma população com um PIB superior à média nacional, tratando-se, assim, de uma população com elevado poder de consumo. Além disso, a área média das unidades produtivas rurais do DF é pequena. Cerca de 82% das propriedades possuem em torno de 20 ha (DISTRITO FEDERAL, 2008). Esse fato impõe restrições à ampliação da produção de leite por produtor e indica a necessidade de investimento em tecnologias de produção. Diante de tal dilema, vê-se como é importante avaliar o potencial de produção de leite na região a partir de estudos que sinalizem o perfil do produtor.

2.1 Produção rural familiar e patronal

A importância econômica do agronegócio nacional é questão que não se discute. Embora se confirme tal importância, Ianni (1984) afirma que o processo de modernização parcial e excludente ocorrido no campo foi responsável pelo surgimento de diferentes formas de organizações social e técnica de produção rural. Tal aspecto contribuiu para a desigualdade prevaiente no mundo agrário, a qual, por sua vez, gerou problemas de toda ordem. Isso ressalta a necessidade do entendimento do que se constitui “produção familiar” e “patronal” na medida em que, no setor rural, ainda persistem vários tipos de unidades de produção e, segundo Andrade (1996), nem todas seguem a lógica de produção do tipo capitalista. A “unidade de produção rural” é definida como a área de terra onde se realiza qualquer tipo de exploração agropecuária. Segundo o autor, além da terra, os equipamentos e máquinas, os insumos e também a mão de obra fazem parte das unidades de produção, as quais podem ser classificadas como: latifúndio, empresa capitalista, empresa familiar, unidade camponesa e tipos híbridos. Contudo, não há consenso quanto essa forma de classificação.

O desenvolvimento rural, sobretudo no Brasil, está estreitamente relacionado com progresso econômico e o desempenho na utilização dos recursos. Isso, por sua vez, relaciona-se diretamente à adoção de tecnologias pelos agricultores. Este parâmetro parece ser fundamental para a classificação das unidades rurais nos últimos tempos, já que propicia uma nova perspectiva analítica das unidades produtivas rurais ao aproximá-las da indústria de transformação: a mudança do complexo rural para complexo agroindustrial (GRAZIANO DA SILVA, 1999; MIELITZ NETTO; MELO; MAIA, 2010).

A dimensão tecnológica da produção rural está associada à sua dimensão capitalista. Nesse contexto, os estratos de produção que amplificam o seu nível de tecnificação se aproximam de forma mais efetiva da produção capitalista. Numa

organização com essa vocação, quando as suas capacidades excedem o nível potencial de trabalho dos membros da família, há necessidade de se avançar na exploração da força de trabalho alheia. É nesse momento que se consolida a estruturação da unidade rural capitalista.

A unidade capitalista rural, portanto, se aproxima da produção rural patronal. Concordando com esta afirmação, Orsi (2012) considera que uma importante diferença entre a produção rural patronal e produção rural familiar é representada no momento em que essa passa a assumir o modo de produção capitalista, devido à nova utilização de insumos, da força de trabalho, da forma de produção, e quando esses passam a adquirir valores determináveis pelo mercado. Ou seja, quando a racionalidade capitalista - de ter um produto de valor para o mercado e que por meio dele se obtenha o lucro - prevalece. Sendo assim, o próprio trabalho manual “[...] não tem uma valorização social porque somente é mais um dos insumos da produção e a terra aqui somente é considerada como fator de produção.” (PINTO, 1983 apud ORSI, 2012, p. 06). Nesse contexto, tem-se o produtor patronal como ator importante na gestão da referida unidade produtiva.

Com relação aos termos “agricultura familiar” ou “unidade familiar rural”, estes também são interpretados por diversos autores de forma diferente, e normalmente dizem respeito a uma microempresa rural. No entanto, essa definição não corresponde a uma regra (GUIMARÃES e BRISOLA, 2001). Lunardi e Santos (2000) argumentam sobre a indefinição do termo “agricultura familiar” por parte de diversos autores e contestam esse conceito quando o mesmo é utilizado de acordo com o tamanho da propriedade (surgindo daí a denominação de “pequeno produtor”), sugerindo sua utilização com base na origem. No Brasil, a sua utilização surge a partir da configuração das propriedades de terras pertencentes aos latifundiários do café e da cana de açúcar; diferentemente dos produtores europeus, que desenvolveram sua produção em pequenas áreas. Ambos, porém, com força de trabalho familiar. “A denominação ‘pequeno produtor’ por si só desconsidera a trajetória histórica deste sujeito, pois não leva em conta as suas relações com a família, parentesco e comunidade” (RIBEIRO 1997 apud LUNARDI; SANTOS, 2000, p. 05, grifos do autor). Fica claro, portanto, que a dimensão e estrutura da família definem os limites e o volume das atividades econômicas da unidade produtora (LUNARDI; SANTOS, 2000). Complementam os autores, que a reserva do capital como atributo básico à mobilidade do sistema produtivo, no modo de produção capitalista, promove transformações na estrutura da unidade familiar rural sem, contudo, aboli-la.

Por sua vez, o Ministério do Desenvolvimento Agrário define como “universo familiar” o contexto onde está inserida a identificação do produtor familiar e os estabelecimentos cuja “[...] direção dos trabalhos [...] é exercida pelo produtor e quando o trabalho familiar é superior ao trabalho contratado” (BRASIL, 2000, p. 10), sendo esse conceito importante orientador nessa pesquisa.

2.2 Perfil dos produtores de leite no Brasil – revisão de estudos

Considerando mais especificamente a produção de leite, foi possível levantar alguns estudos que buscaram fazer uma caracterização/perfil dos produtores em termos socioeconômicos e/ou produtivos. Wagner, Gehlen e Wiest (2004), por exemplo, investigaram o padrão tecnológico em unidades de produção familiar de leite no Rio Grande do Sul e às tipificaram em função do padrão prevalecente:

moderno convencional, em transição e tradicional. O estudo foi realizado com 160 produtores de diferentes regiões do Rio Grande do Sul e a maior parte deles (74) foi caracterizada como em transição, enquanto que 58 foram descritos como modernos convencionais, e 28 como tradicionais. Os modernos convencionais se caracterizam como aqueles que possuem um padrão tecnológico de médio a avançado, tendo a atividade leiteira como a principal fonte de renda - atendendo às exigências atuais da agroindústria. Em transição, se referem àqueles que estão em direção à modernização, no que se refere à atividade leiteira, porém, ainda não a tem como atividade principal. Os tradicionais são aqueles que não possuem a atividade leiteira como principal e possuem um precário padrão tecnológico.

Neves et al. (2011) fizeram uma caracterização dos produtores e dos sistemas de produção de leite no perímetro irrigado de Petrolina/PE. Nesse estudo, o levantamento abrangeu aspectos sociais, tecnológicos e resultados econômicos de 28 produtores da região, entre os 30 produtores cadastrados na Secretaria Municipal de Agricultura de Petrolina. Alguns destaques dos resultados dessa investigação são apresentados no Quadro 01.

Quadro 01 – Síntese dos resultados de Neves et al. (2011)

Variáveis	Resultados
Local de Residência	- 53,6% zona rural - 46,4% zona urbana
Sistema de produção	- A maioria: sistemas intensivos a pasto e em confinamento (57,1%) com produção média de 9,3 L/vaca/dia
Renda bruta proveniente do leite (média mensal)	- R\$ 2.477,47 - Apenas 3,5% relataram renda da fazenda exclusiva da atividade leiteira.
Fonte de informação	- Televisão (82,1%) - Assistência técnica (28,5%) - Rádio (17,8%) - Cursos e palestras (7,1%)
Manejo produtivo	- Monta natural (96,4%) - Inseminação artificial (3,6%)
Escolaridade	- 60,7% não terminaram o ensino fundamental, 31,8% concluíram o ensino fundamental, 7,5% concluíram o ensino superior
Envolvimento da esposa na atividade	- 42,8%

Fonte: Adaptado de Neves et al. (2011).

Os autores concluem que a bovinocultura leiteira na região de Petrolina/PE (Perímetro Irrigado Senador Nilo Coelho) apresenta potencial para complementar a renda dos produtores, contudo, “[...] são necessários investimentos para intensificação do uso dos recursos forrageiros, melhoria da qualidade do leite, manejo reprodutivo, nutricional e sanitário do rebanho, e assistência técnica aos produtores” (NEVES et al., 2011, p. 209).

Montoya e Finamore (2010) fizeram uma comparação do perfil dos produtores em função do estrato produtivo (por ex. até 50 litros/dia, de 51 a 100...). Os dados revelaram que nos estratos de maior produção, havia elevação do uso de controles informatizados dos registros financeiros. Havia, ainda, uma tendência à menor participação da esposa nas atividades. Ao mesmo tempo, do ponto de vista econômico, a produção leiteira elevava a sua importância nestas propriedades. Um achado interessante da pesquisa é que quanto menor a produção por estrato, maior a dúvida dos produtores em relação à continuidade do negócio pelos filhos. Também, no estrato de menor produção, havia um maior percentual de filhos que argumentavam deixar o meio rural. Mais especificamente sobre o perfil, foi

identificado que: a idade média dos produtores era de 48 anos; trabalhavam na atividade há 15,1 anos (em média); a escolaridade média era de 4,9 anos; 70,8% das esposas participavam ativamente das atividades; 78,3% afirmaram que, dentre as atividades agrícolas que realizavam, a pecuária de leite era a mais importante; apenas 2,5% possuíam controle informatizado (controles financeiros e zootécnicos); 52,5% apresentavam baixo grau de profissionalismo.

Costa (2006) realizou um diagnóstico da produção leiteira da região de Gurupi/Tocantins. O estudo foi realizado com 35 produtores de leite. Quanto ao perfil, identificou-se que: 74% tinham mais de 50 anos de idade; 25% estudaram somente até as séries iniciais, 28% o ensino fundamental, 26% o ensino médio completo e 17% o ensino superior; 54% residiam na propriedade; mão de obra familiar representava 40% do total utilizada na atividade leiteira; 68% consideravam atividade leiteira como a principal; 71% não tinham assistência técnica; na composição da renda bruta da atividade leiteira, a venda de animais representava 32,7 %, enquanto a venda de leite e derivados representava 67,3%.

França (2006) fez um levantamento do perfil socioeconômico dos produtores associando-o à qualidade do leite nos Municípios de Esmeralda e Sete Lagoas/MG, região Sudeste do Brasil. O estudo foi realizado com 60 produtores de leite pertencentes às cooperativas locais. Do perfil levantado, destaca-se: 63,3% não residiam na propriedade; 95% eram homens; 90% tinham filhos, 30% tinham filhos envolvidos na atividade; a faixa de idade prevalecente era entre 50 e 59 anos (46,6%); para os que residem nas propriedades (36,7%) a pecuária leiteira era a principal fonte de renda. O nível de escolaridade era elevado (43,1% possuíam nível superior e 25,9% o ensino médio); 56,7% possuíam assistência técnica; somente 5% das propriedades eram gerenciadas por mulheres; 70% deles relataram a inexistência de descendentes igualmente envolvidos na atividade leiteira.

Zoccal et al. (2004) fizeram uma caracterização dos produtores de leite da Zona da Mata/MG, classificados como de economia familiar. Realizaram entrevistas com 50 produtores e encontraram o seguinte perfil: idade média 46 anos; cada produtor tem em média 2 filhos, dos filhos acima de 14 anos, 50% trabalham com os pais e o restante nas cidades; 58% dos produtores não terminaram o ensino fundamental e 22% possuíam o ensino médio ou superior; a média era de 20 anos de dedicação à pecuária leiteira; a administração da propriedade era por conta do produtor, geralmente com ajuda de algum membro da família. Sobre a continuidade do negócio, 59% acreditavam que haveria uma troca de atividade, 31% achavam que os filhos deixariam o meio rural ou venderiam a propriedade, sendo que apenas 4% acreditavam na continuidade da pecuária leiteira.

Algumas características, apontadas nos estudos, são relativamente comuns. A produção de leite por produtores familiares é tipicamente uma atividade sob controle patriarcal, controlada por produtores em idade média superior a 50 anos de idade e com baixo nível de escolaridade formal. Observa-se ainda que a produção de leite está como única atividade produtiva entre 30% e 50% dos produtores entrevistados nos diversos estudos. A desconfiança em relação à continuidade do negócio pelos filhos também está presente em boa parte dos estudos. Assim, pode-se afirmar que, embora haja diversidade nos estudos encontrados no que diz respeito ao contexto geográfico onde foram realizados, nota-se certa semelhança nas características dos produtores familiares de leite pesquisados.

A seguir são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na condução da pesquisa. Posteriormente, os achados são apresentados e discutidos à

luz deste levantamento bibliográfico. Por fim, são tecidas as considerações finais do estudo.

2. MÉTODO

Com já ressaltado, a referida pesquisa trata-se de um recorte de uma investigação mais ampla, que teve como objetivo de diagnosticar a produção de leite bovina e bubalina no Distrito Federal. O conteúdo da pesquisa abrangeu informações que dizem respeito a aspectos ligados ao produtor, à sua propriedade e à produção propriamente dita. Foram entrevistadas 782 pessoas (Tabela 01), considerando praticamente a totalidade dos pecuaristas leiteiros desta Unidade da Federação, conforme informações de relatórios internos da EMATER/DF.

Tabela 01 – Características do empreendimento pecuarista leiteiro DF – 2009 e 2010

	Frequência	Percentual
Familiar	501	77,6
Patronal	145	22,4
Não Informado	136	
Total de Entrevistas	782	100

Fonte: Elaborada pelos autores.

A coleta de dados ocorreu entre 31 de agosto de 2009 e 15 de fevereiro de 2010, nas diversas regiões geopolíticas do DF (Tabela 02). Os dados foram coletados por meio de um formulário de pesquisa, sendo que as informações foram colhidas com os próprios produtores rurais ou com pessoas que detinham informações sobre o produtor, sua propriedade e a atividade desenvolvida. Conforme destacado, tratou-se de um *survey* e, neste tipo de investigação, busca-se obter dados/informações relativas às opiniões e/ou características de um grupo específico de pessoas (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Tabela 02 – Regiões do Distrito Federal e quantidade de entrevistas realizadas

Regiões do DF	Nº. de entrevistados
Alexandre Gusmão	63
Brazlândia	46
Ceilândia	54
Gama	150
Lago Oeste	33
PAD-DF	59
Paranoá	17
Pipiripau	16
Planaltina	71
Rio Preto	80
São Sebastião	70
Sobradinho	41
Tabatinga	29
Taguatinga	10
Taquara	37
Outros	06
Total	782

Fonte: Elaborada pelos autores.

As informações aqui apresentadas dizem respeito às características do empreendimento (se patronal ou familiar), gênero, idade (faixa etária do produtor), nível de escolaridade, tempo na atividade, situação familiar em termos de renda e de envolvimento nas atividades das propriedades rurais. As análises foram feitas por meio de estatística descritiva e com o uso do SPSS (*Statistical Package of Social Science*), versão 11.0 for *Windows*. Trata-se, portanto, de um estudo essencialmente descritivo e quantitativo.

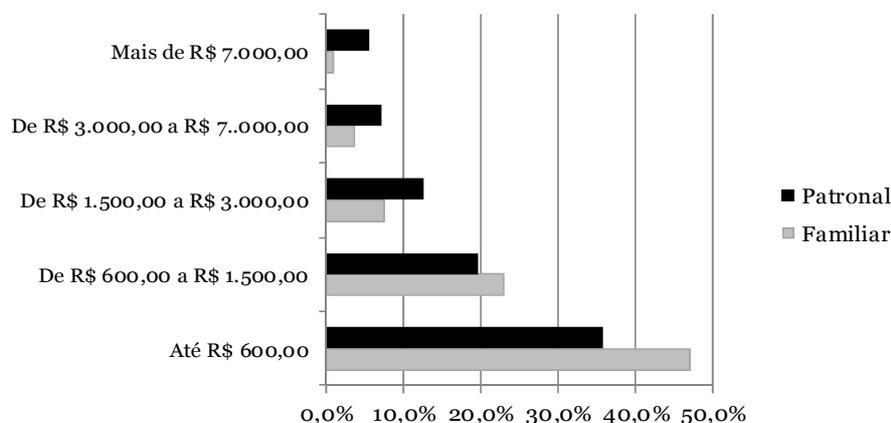
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os produtores rurais entrevistados, que desenvolvem a atividade de produção de leite bovino ou bubalino no Distrito Federal, identificou-se que 51,0% deles têm a produção de leite como atividade principal. Entretanto, quando analisados os resultados entre os produtores familiares e os patronais, os percentuais tendem a uma variação. Constatou-se que 45,5% dos produtores familiares detêm a atividade de produção de leite como principal, enquanto que entre os patronais, esse percentual atinge 50,3%. A diferença, embora sutil, identifica uma tendência à produção diversificada entre os produtores familiares quando comparados com os patronais.

Pode-se supor, conforme encontrado por Wagner, Gehlen e Wiest (2004) no Rio Grande do Sul, que o padrão tecnológico dos produtores familiares patronais seja mais elevado. Considerando a classificação dos autores, uma boa parte deles poderia ser classificada como “modernos convencionais”, já que possuem a produção de leite como atividade principal. Contudo, outras informações seriam necessárias para classificar o perfil desses produtores em termos tecnológicos, não sendo isso permitido em função de limites óbvios do presente trabalho.

A justificativa para tal opção (diversificação da produção) advém, provavelmente, de uma menor renda na atividade por parte dos produtores familiares, em comparação com os produtores patronais. Numa análise sobre a renda derivada da atividade de produção de leite, observou-se que nos estratos de renda mais baixos a concentração de produtores familiares tende a ampliar-se, enquanto que a recíproca conserva-se como verdadeira (Gráfico 01).

Gráfico 01 – Estratos de renda advindos da produção de leite pelos produtores familiares e patronais do DF



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em algumas características, o perfil do produtor familiar do DF se aproxima daquele identificado em outras pesquisas realizadas no país. Em todos os estudos levantados (COSTA, 2006; FRANÇA, 2006; MONTOYA; FINAMORE, 2010; ZOCCAL et al. 2004), mesmo não considerando apenas produtores familiares, observou-se que na maioria, a faixa de idade média dos produtores de leite superou os 45 anos de idade, com predominância para os 50 anos. No DF esta característica permanece e coincide com os demais estudos (Tabela 03).

Tabela 03 – Percentual de produtores familiares e patronais do DF, por faixas de idade

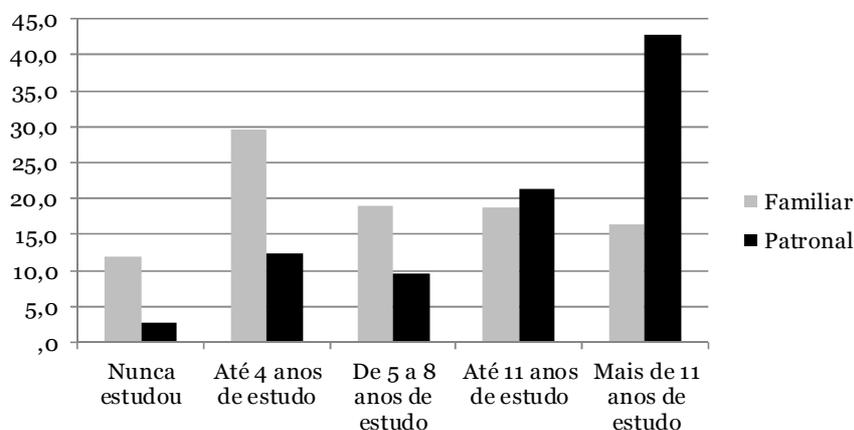
Faixas de Idade	Prod. Familiares	Prod. Patronais	Todos
Até 30 anos	3,5%	6,5%	4,1%
De 31 a 45 anos	20,3%	21,1%	20,5%
De 46 a 60 anos	42,4%	40,7%	42,1%
Acima de 60 anos	33,7%	31,7%	33,3%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Embora a característica gênero não tenha apresentado diferenças significativas entre os produtores familiares e patronais no DF, com predominância absoluta para os homens (88,4% dos produtores familiares e 88,3% dos produtores patronais), o tempo de escolaridade destaca-se de forma marcante. Os produtores familiares concentram-se em faixas de menor tempo de escolaridade, enquanto que os patronais apresentam maior tempo de estudo formal. Quase 11,8% dos produtores familiares nunca estudaram e entre os patronais, este percentual é de 2,8%. As faixas de “até 11 anos de estudo” e “mais de 11 anos de estudo” (formal) somente se encontra em 35,2% dos produtores familiares do DF, frente a 64,2% dos produtores patronais (Gráfico 02).

Este resultado é coerente ao encontrado nos estudos de Costa (2006) e Zoccal et al. (2004). Reforça a ideia de que grande parte dos produtores familiares no Brasil ainda possui baixa escolaridade (até o ensino fundamental). Ao mesmo tempo, há coerência com o perfil encontrado por França (2006) em relação a produtores com características patronais, sendo que nestes também prevalecia maior nível de escolaridade.

Gráfico 02 – Estratos de anos de estudo formal dos produtores familiares e patronais do DF



Fonte: Elaborado pelos autores.

Tais elementos são relevantes, pois como destacado por Neves et al. (2011) - ao encontrarem também uma baixa escolaridade entre os produtores de leite em Petrolina - é necessário investir em educação no contexto rural, já que o nível de escolaridade ou a escassez de capital humano podem comprometer o desenvolvimento equitativo do meio rural, desfavorecendo a produtividade e a expansão dos empreendimentos rurais. Não é de hoje que a educação é apontada como um dos fatores importantes para o sucesso também dos empreendimentos rurais. Veiga (1998), por exemplo, destacou há décadas que esta deveria ocupar um papel estratégico nas políticas públicas voltadas ao desenvolvimento rural, pois ela garante não só o sucesso, mas a permanência do produtor rural em sua propriedade.

No presente estudo, os resultados encontrados em relação ao nível de escolaridade dos produtores do DF foram: 9,9% nunca estudou, 25,1% tiveram até 4 anos de estudo, 16,8% tiveram de 5 a 8 anos de estudo, 23,6% apresentaram até 11 anos de estudo e 24,5% mais de 11 anos. Essas informações apontam para o fato de que 48,1% dos produtores possuem entre os níveis médio e superior, o que seria expressivo se comparado aos apontados por Zoccal et al. (2004), Montoya e Finamore (2010) e Neves et al. (2011).

Em relação a esse perfil de escolaridade encontrado, acredita-se que as características geográficas da região e sua condição de Capital Federal, com abundância de atividades relacionadas aos serviços públicos, permitem a criação de inúmeras fazendas leiteiras (tanto familiares, quanto patronais) de propriedade de funcionários públicos ativos ou aposentados, que reservam tempo hábil para desenvolver tal atividade. Este fato particulariza um perfil diferenciado dos pecuaristas quando comparados com os das outras regiões. Isto se confirma ao observar a formação superior dos produtores (tanto patronais, como familiares) do DF. A formação superior é diversificada e abrange não somente a área agrária, como comumente observado em outras regiões leiteiras (Tabela 05).

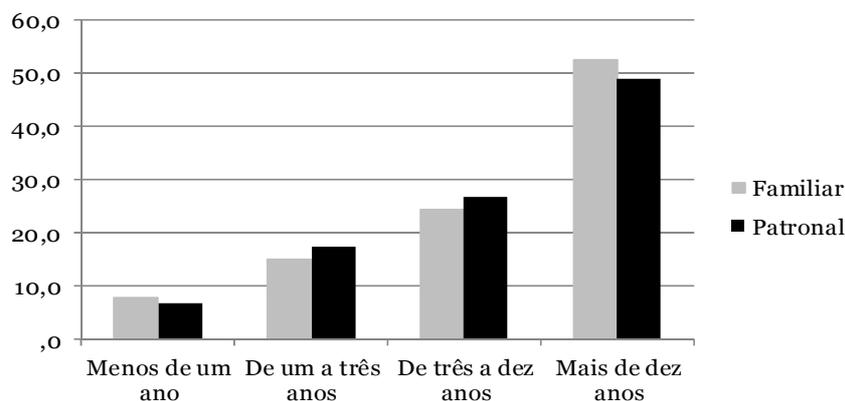
Tabela 05 – Percentual de produtores familiares e patronais do DF que possuem formação superior, por grupos de profissões

Áreas de Formação	Prod. Familiares	Prod. Patronais
Economia, Administração, Contabilidade	28,4%	36,7%
Agronomia, Veterinária, Zootecnia e outros cursos relacionado às agrárias	12,2%	11,7%
Engenharias, Arquitetura, Processamento de dados e outros	13,5%	8,3%
Ciências humanas, licenciaturas e Direito	44,6%	33,3%
Outras áreas	1,4%	10,0%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Com relação ao tempo de envolvimento na atividade 'produção de leite', os produtores rurais familiares e patronais estabelecidos no Distrito Federal demonstram similar condição. A perseverança na atividade é também uma característica comum a ambos os grupos de produtores, já que aproximadamente 50% deles (52,6% dos familiares e 48,9% dos patronais) possuem mais de dez anos na atividade (Gráfico 03).

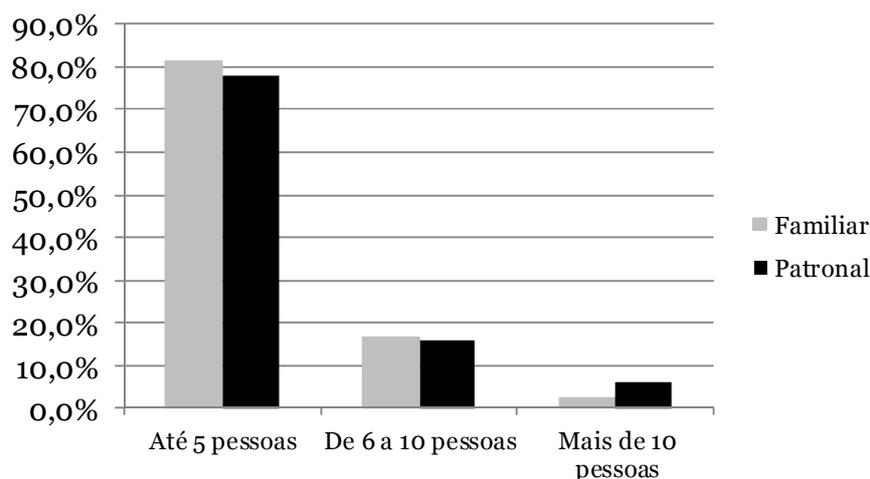
Gráfico 03 – Tempo de envolvimento na atividade, por grupo de produtores de leite familiares e patronais, no DF



Fonte: Elaborado pelos autores.

A constituição familiar dos produtores (número de filhos e outros dependentes) foi também analisada na pesquisa. Observou-se que tanto os produtores familiares quanto os patronais pecuaristas de leite no DF possuem, em sua maioria, de um a três dependentes diretos (52,4% dos produtores familiares e 63,7% dos patronais). No entanto, a presença de quatro ou mais dependentes é quase o dobro entre os familiares (40,3%), quando comparado com os patronais (25,2%). Esta situação sinaliza uma maior preocupação com relação ao envolvimento da atividade como meio de sustento à família dos produtores. Entretanto, ao serem indagados sobre o número de pessoas que dependem diretamente da renda da atividade leiteira (Gráfico 04), a proximidade entre os resultados é singular, com leve superioridade para os produtores patronais no estrato “mais de 10 pessoas”.

Gráfico 04 – Número de pessoas que dependem diretamente da atividade leiteira, por grupo de produtores de leite familiares e patronais, no DF

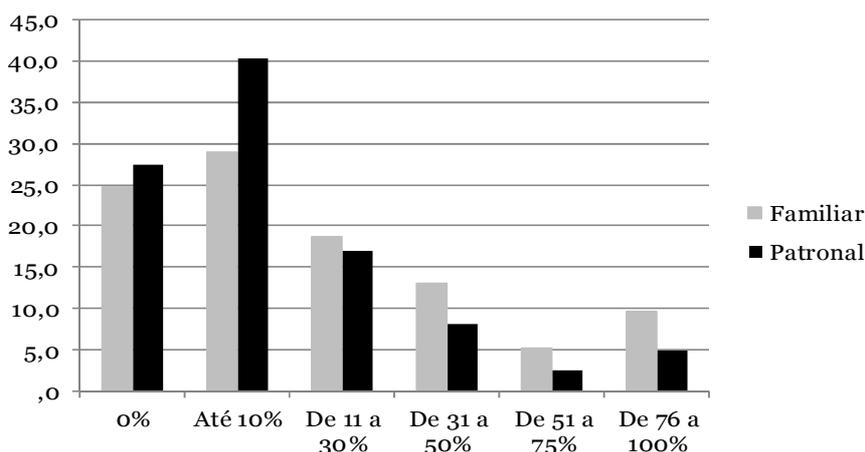


Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerando essa realidade, tornou-se importante identificar qual o percentual da renda oriunda da produção de leite destinado ao sustento da família do produtor. Os resultados a essa questão indicaram que a produção de leite não

contribui substancialmente para o sustento das famílias dos produtores no DF, já que 53,6% dos produtores familiares e 67,7% dos patronais consideraram que a produção de leite não contribui ou contribui apenas com até 10% das suas despesas familiares (Gráfico 05). Observou-se ainda que apenas 9,6% dos produtores familiares e 4,8% dos patronais dependem inteiramente da produção de leite para atender às despesas familiares.

Gráfico 05 – Percentual da renda da produção de leite utilizado para garantir as despesas familiares dos produtores familiares e patronais no DF



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em complementação a essa análise, buscou-se conhecer se a produção leiteira permite que o produtor se mantenha em dia com seus compromissos financeiros. A resposta confirma as argumentações anteriores de que a produção não é suficiente para garantir suas despesas cotidianas. Apenas 28,7% dos produtores familiares e 20,7% dos patronais admitiram esta capacidade de sua produção de leite. Essa informação induz a uma particularidade da produção de leite no DF, já apontada anteriormente: a tendência à diversidade da produção rural. Muitos produtores detêm outras fontes de renda em suas propriedades ou mesmo fora dela. O beneficiamento de sua produção ou a comercialização direta de seus produtos aos consumidores em feiras, por exemplo, representam alternativas muito comuns que lhes permitem maior garantia de sustentabilidade financeira. Nesse caso, o leite não representa um produto de fácil manipulação e comercialização, visto sua alta perecibilidade.

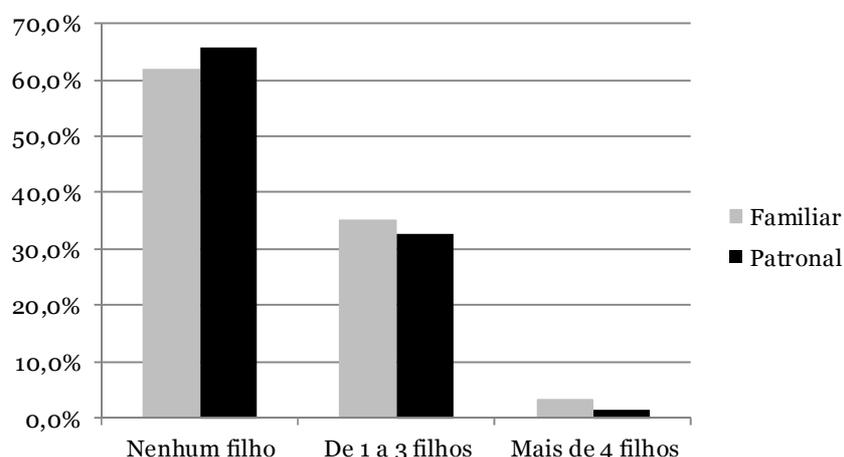
A representatividade econômica da produção de leite, entre as atividades rurais no Distrito Federal, levanta uma preocupação sobre sua continuidade. A pesquisa mostrou que apenas 62,9% dos produtores familiares e 52,4% dos patronais acreditam que a atividade terá continuidade por algum membro de sua família, caso esteja ausente. Resultados não muito distantes dos encontrados nos estudos de Zoccal et al. (2004), França (2006) e Montoya e Finamore (2010). Neste último, 58,8% afirmaram acreditar que os filhos continuariam com a atividade leiteira. Os estudos também apontaram para a percepção de boa parte dos produtores de que os filhos deixarão o meio rural.

Estes resultados remetem à questão da sucessão neste contexto produtivo. Desde a década de 1990 a evasão de jovens do campo para a cidade tem sido representativa (GUIMARÃES; BRISOLA, 2001; RIBEIRO, 1999), levando à

preocupação com a continuidade do negócio, bem como com a qualidade de vida de quem permanece no campo. Alternativas diversificadas de produção têm sido apontadas como importantes para esta permanência, como verificado no estudo de Oliveira e Schneider (2009). O referido estudo apontou que agricultores ecologistas e a decorrente pluriatividade dos agricultores que se enquadram nesta categoria (agroindústrias familiares e comercialização), favorecem o envolvimento e a permanência de jovens no campo.

Esta preocupação se confirma no presente estudo com a identificação de que em 61,8% das propriedades de produção de leite familiares e 65,9% das patronais do DF não há a participação direta de nenhum filho atuando no negócio (Gráfico 06). Muitas vezes – no caso da produção familiar – a atividade é movida pelo(a) próprio(a) proprietário(a) com seu cônjuge e um genro, nora ou sobrinho. Tal condição, sobretudo nas atividades identificadas como de cunho familiar, conduz a uma dúvida sobre sua persistência, em médio tempo.

Gráfico 06 – Percentual de produtores de leite familiares e patronais do DF que possuem filhos participando diretamente das atividades



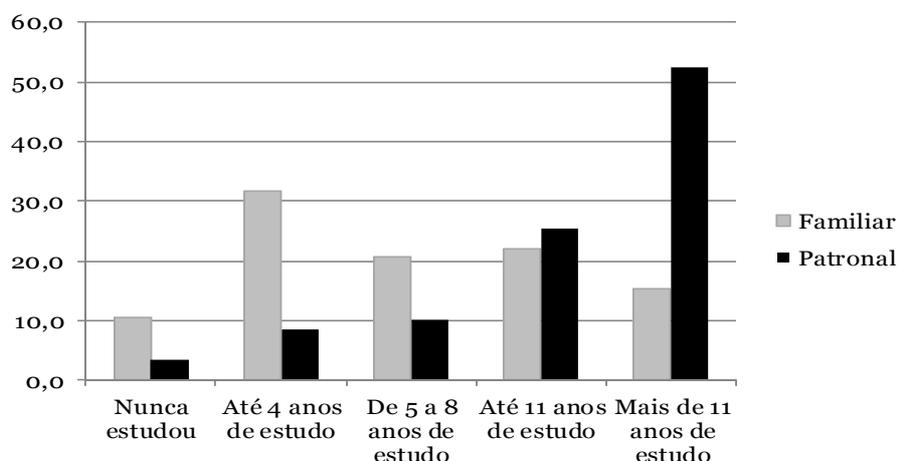
Fonte: Elaborado pelos autores.

Diante dessa condição, os produtores foram questionados sobre “o que pretendem” em torno da condução de seu negócio. Entre os respondentes, apesar das limitações para a condução de sua atividade, a resposta mais encontrada foi a de que a atividade deverá ampliar-se (57% dos produtores familiares e 48% dos produtores patronais) ou, no mínimo, permanecer como está (28% dos produtores familiares e 35% dos patronais). É provável que esta resposta represente uma perspectiva de médio prazo, com o produtor não considerando sua ausência na condução do negócio.

Essa realidade apresentada se assemelha com os achados de França (2006), em estudo feito nos municípios de Esmeraldas e Sete Lagoas (MG), onde apenas 30% dos produtores de leite tinham filhos com envolvimento direto na atividade. Também o levantamento realizado por Costa (2006) em Gurupi/TO demonstrou a baixa participação dos filhos nas diferentes atividades rurais. No que se refere à participação da esposa, Montoya e Finamore (2010) destacaram em seu estudo que 70,8% das esposas dos produtores participavam ativamente das atividades – mesmo considerando um grupo não distinto de produtores familiares.

Retornando às pretensões de continuidade, nota-se, contudo, que o otimismo em ampliar a atividade é manifestado de forma mais substancial entre os produtores familiares. Isso pode sugerir uma racionalidade em torno da necessidade de formação de escala, o que representa fator substancial para a garantia de maior rentabilidade e ampliação da margem de contribuição da atividade. Objetivo este que coincide com as observações feitas por Montoya e Finamore (2010). Vale considerar que, ao analisar apenas os produtores com intenção de ampliar a atividade, os patronais com maior tempo de escolaridade se destacam quando comparados com os familiares (Gráfico 07).

Gráfico 07 – Percentual de produtores de leite familiares e patronais do DF que pretendem ampliar a atividade, em comparação com o tempo de estudo formal



Fonte: Elaborado pelos autores.

Esse resultado chama a atenção novamente para a importância da educação. Sugere uma visualização positiva da atividade, determinada por um maior controle da produção, independência e capacidades ampliadas.

Considerações Finais

O Distrito Federal resguarda suas peculiaridades, no que diz respeito às suas atividades não urbanas. Caracteriza-se por ser uma região que percentualmente concentra uma reduzida área rural, quando comparado a outras Unidades da Federação, e suporta uma elevada concentração de pequenos produtores, sobretudo os detentores de uma força de trabalho familiar. A produção de leite, contudo tem sua representatividade.

Neste estudo foram identificados 782 produtores, sendo 77,6% como familiares e 22,4% como patronais. A descrição de seus perfis, apresentados neste trabalho, permite melhor entender as suas diferenças e similaridades com os demais produtores pecuaristas de leite do país, quando comparados com outros estudos de mesma natureza e objetos.

Os produtores do Distrito Federal destacam-se em um contexto nacional pela educação formal, embora conservem uma aproximação aos demais produtores nas demais características sociodemográficas, tais como idade, tempo de produção,

desempenho econômico na atividade, participação familiar no negócio e perspectivas em relação à atividade. A diferença entre produtores familiares e patronais, nos elementos analisados no estudo, não surpreende quando comparada com os resultados de outros estudos. No entanto, a perspectiva otimista em relação aos rumos da atividade, manifestada de forma mais contundente pelos produtores familiares, contrasta com a elevação do tempo de estudos crescente entre os produtores patronais.

É possível inferir, a partir dos resultados deste estudo, que o perfil dos produtores rurais do DF apresenta-se positivo no que se refere à ampliação do potencial de produção de leite da região. O nível de escolaridade e a perspectiva otimista em relação aos negócios são características favoráveis, por exemplo, à adoção de novas tecnologias e à maior facilidade de acesso às políticas públicas. São estas duas condições essenciais para a competitividade dos negócios rurais, mesmo se tratando de *commodities* e de produção familiar, conforme apontado por Souza e Buainaim (2013). Contudo, os resultados deste estudo sugerem que os problemas de evasão dos jovens do campo para as cidades permanecem (destacados nos anos de 1990), sendo ainda atrativos a esses jovens as oportunidades econômicas e de trabalho, a ampliação dos níveis educacionais e melhoria geral nas condições de vida que os espaços urbanos proporcionam. Isso requer aprofundamento em termos de estudos visando o embasamento de políticas públicas que contribuam para a permanência dos jovens no campo.

Ainda como ampliação do estudo, aponta-se para a necessidade de se buscar e analisar outros elementos que permitam identificar as características dos produtores e de suas propriedades, tais como o acesso à informação técnica, o uso de técnicas de produção e ferramentas de gestão, a fim de instrumentalizar políticas públicas para o setor. Acredita-se que o estudo alcançou seu objetivo de apresentar neste trabalho o perfil dos produtores de leite familiar e patronal do Distrito Federal (DF/Brasil), principalmente no que se refere a algumas características sociodemográficas essenciais.

Referências

ALFONSO, L. M. R. Caracterización empresarial de algunos productores de hortalizas orgánicas en la Sabana de Bogotá y alrededores. **Cuadernos de Desarrollo Rural**, n.57, p. 133-163, 2006.

AMORIM, D. Renda per capita no DF é de R\$ 50 mil, o dobro da de São Paulo. **Correio Braziliense**, 24 nov. 2011. Disponível: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2011/11/24/internas_economia,279928/renda-per-capita-no-df-e-de-r-50-mil-o-dobro-da-de-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 27 de mar. 2012.

ANDRADE, J. G. **Introdução à administração rural**. Lavras: UFLA/FAEPE, 1996.

ANJOS, M. H. G. et al. Análise Comparativa dos Perfis Socioeconômicos dos Pescadores Artesanais da Zona Rural e do Perímetro Urbano de Porto Murtinho/MS. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SOCIOECONÔMICOS DO PANTANAL, 5., 2010, Corumbá, MS. **Anais...** Corumbá: Embrapa Pantanal: UFMS; Campinas: ICS do Brasil, 2010. 1 CD-ROM.

ARIZA, N. A. H. **Identificación de la capacidad empresarial y la eficiencia de los productores de leche de Guamal, Departamento del Meta**. 2009. 101f. Investigación de Magíster (Magíster en Desarrollo Rural) – Facultad de Estudios Ambientales y Rurales, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá. 2009

AZEVEDO, R. A. et al. Perfil de propriedades leiteiras ou com produção mista no Norte de Minas Gerais. **Revista Caatinga**, v. 24, n. 1, p. 153-159, 2011.

BECERRA, V. et al. Agricultura familiar: vulnerabilidad económica en la provincia de Córdoba (Argentina). **Cuad. Desarrollo Rural**, v. 8, n. 67, p. 121-150, 2011.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Novo retrato da agricultura familiar: o Brasil redescoberto**. Brasília, 2000. Disponível em: <<http://www.INCRA.gov.br/fao/>>. Acesso em: 01 set. 2011.

BRISOLA, M. V., LEITÃO, F. O., TOMAZ, A. L. S. **Diagnóstico sócio-econômico dos produtores rurais cooperados e estruturação de cadeias produtivas no município de Unai e região**. Unai, 2008. Material não publicado.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. Setor recupera parte das perdas em janeiro. **Boletim do Leite**, Piracicaba: ESALQ/USP, ano 15, n. 175, mar. 2009.

COSTA, P. S. S. **Diagnóstico da pecuária leiteira de Gurupi**. Gurupi: SEBRAE, 2006. Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/5BC15BA55F86D230832572CD003DF1C7/\\$File/NT00035226.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/5BC15BA55F86D230832572CD003DF1C7/$File/NT00035226.pdf)>. Acesso em: 23 ago. 2011.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento – SEAPA/DF. Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal – EMATER/DF. **Plano executivo de desenvolvimento sustentável da cadeia produtiva da pecuária leiteira do Distrito Federal 2008/2012**. Brasília, 2008.

_____. Governo do Distrito Federal comprará direto do produtor. **Página Rural**. 29 jan. 2009. Disponível em: <http://www.paginarural.com.br/noticias_detalhes.php?id=104807>. Acesso em: 29 abr. 2012.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Produção, industrialização e comercialização (produção)**. Leite em números. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.cnpq.embrapa.br/nova/informacoes/estatisticas/producao/producao.php>>. Acesso em: 18 mar. 2012.

FRANÇA, S. R. de A. **Perfil dos produtores, características das propriedades, e qualidade do leite bovino nos municípios de Esmeraldas e Sete Lagoas/MG**. 2006. 112f. Tese (Doutorado em Ciência Animal) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Veterinária, Belo Horizonte, 2006.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. (Série Educação a Distância, Unidade 4).

GRAZIANO DA SILVA, J. **Tecnologia e agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999.

GUIMARÃES, M. C.; BRISOLA, M. V. O processo sucessório na unidade familiar rural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO RURAL, 4., 2001, Goiânia. **Anais...** Lavras: ABAR, 2001.

IANNI, O. **Origens agrárias do Estado brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 15 Mar. 2012.

_____. **Cai a participação do Sudeste no PIB e sobe a dos estados ligados à agroindústria**. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=470&id_pagina=1>. Acesso em: 18 dez. 2011.

LOPES, M. R. Perfil do produtor rural e capacitação profissional na agricultura brasileira. **Revista de Política Agrícola**, ano XI, n. 4, out./dez. 2002 e ano XII, n. 1, jan./mar. 2003.

LUNARDI, S. M.; SANTOS, A. C. dos. Administração na unidade familiar: uma análise do programa de gestão agrícola da extensão rural do Rio Grande do Sul e Santa Catarina na perspectiva dos agricultores. In: SEMINÁRIO SULBRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO RURAL, 1., Itajaí, 2000. **Anais...** Lavras, ABAR, 2000. 1 CD-ROM.

MENDES, J. S. **Identificação do perfil do produtor, da indústria e do consumidor de leite e seus derivados no Estado de Roraima**. Brasília, 1998. Disponível em: <<http://snida.agricultura.gov.br:81/cgi-bin/wxis.exe>>. Acesso em: 20 set. 2011.

MIELITZ NETTO, C. G. A.; MELO, L. M.; MAIA, C. M. **Políticas públicas e desenvolvimento rural no Brasil**. Série Educação à Distância. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010.

MONTOYA, M. A.; FINAMORE, E. B. Características dos produtores de leite do RS: uma análise a partir do Corede Nordeste. **Indic. Econ. FEE**, v. 37, n.4, p. 213-224, 2010.

NEVES, A. L. A. et al. Caracterização dos produtores e dos sistemas de produção de leite no perímetro irrigado de Petrolina/PE. **Revista Bras. de Saúde e Produção Animal**, v.12, n. 1, p. 209-223, 2011.

OLIVEIRA, D.; SCHNEIDER, S. O futuro das unidades familiares: uma análise das possibilidades de sucessão hereditária entre os agricultores ecologistas de Ipê (RS). **Novos Cadernos NAEA**, v. 2, n. 2, p. 149-174, dez. 2009.

ORSI, S. D. **Principais elementos que diferenciam o enfoque administrativo entre uma propriedade rural de economia familiar e patronal**. Brasília. 31 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.emater.df.gov.br/sites/200/229/df/elemdiferenciam.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2011.

RIBEIRO, E. M. A formação de dirigentes rurais no Brasil e o problema da sucessão nos anos 1990. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO RURAL, 3., 1999, Belo Horizonte. **Anais...** Lavras: ABAR, 1999, p.444-455.

SOUZA, M. A. et al. Caracterização dos produtores do núcleo Rural Buriti Vermelho, DF. In: ENCONTRO DE JOVENS TALENTOS DA EMBRAPA CERRADOS, 4., 2009, Planaltina, DF. **Resumos...** Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2009.

SOUZA NETO et al. Características socioeconômicas dos criadores de ovinos no estado do Ceará. In: CONGRESSO NORDESTINO DE PROD. ANIMAL, 6.; SIMPÓSIO NORD. DE ALIMENTAÇÃO DE RUMINANTES, 7.; FÓRUM DE COORD. DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO ANIMAL DO NORDESTE, 1., 2010, Mossoró. **Anais...** Mossoró: Sociedade Nordestina de Produção Animal; UFERSA, 2010. 1 CD-ROM.

SOUZA, R. P. de; BUAINAIN, A. M. A competitividade da produção de leite da agricultura familiar: os limites da exclusão. **Estud. Soc. e Agric.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 308-331, 2013.

VEIGA, J. E. Desenvolvimento rural o Brasil precisa de um projeto. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 36., 1998, Poços de Caldas. **Anais...** Poços de Caldas: SOBER, 1998. 1 CD-ROM

WAGNER, S. A.; GEHLEN, I.; WIEST, J. M. Padrão tecnológico em unidades de produção familiar de leite no Rio Grande do Sul relacionado com diferentes tipologias. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 34, n. 5, p.1579-1584, set./out., 2004.

ZOCAL, R. et al. Produção de leite na agricultura familiar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 42., 2004, Cuiabá, **Anais...** Cuiabá: SOBER, 2004.

Submetido em 25/05/2014.

Aprovado em 01/07/2014.

Sobre os Autores

Marlon Vinícius Brisola

Doutor em Ciências Sociais, Mestre em Agronegócios. Prof. do Programa de Pós-graduação em Agronegócios - PROPAGA/FAV/UnB. Líder do GECOMP - Grupo de Estudos sobre a Competitividade e a Sustentabilidade do Agronegócio.

Email: mvbrisola@gmail.com

Magali Costa Guimarães

Doutora em Psicologia, Mestre em Administração. Prof. do Programa de Pós-graduação em Agronegócios - PROPAGA/FAV/UnB. Integrante do GECOMP - Grupo de Estudos sobre a Competitividade e a Sustentabilidade do Agronegócio.

Email: magaliguimaraes@unb.br